



# Marajá quer segurança, escola e ruas sem buracos

A total falta de segurança, as péssimas condições de tráfego para veículos e pedestres através das ruas esburacadas, principalmente quando chove; a necessidade de conclusão da obra da escola que chamam de Colégio Novo e reforma da Escola João Antunes das Dores; ônibus superlotado e manutenção da rede de esgoto, considerada uma das melhores no município da Serra, foram as principais reclamações dos moradores do Bairro Marajá, na Serra, que foi visitado no sábado pela equipe do jornal A GAZETA.

Os moradores reclamam até de iluminação pública para os blocos "B" e "C", a falta de um posto de saúde bem estruturado, uma creche e policiamento, já que o bairro é considerado violento. Segundo o presidente da Associação dos Moradores do Bairro Marajá, Gilcino Rodrigues Rocha, "as viaturas policiais só entram no bairro quando o rabecão vem acompanhado de uma outra viatura, para recolher algum cadáver, vítima de assassinato", reclamou.

Segundo Gilcino, vários ofícios já foram enviados à Secretaria de Segurança Pública pedindo policiamento, a instalação de um destacamento da Polícia Militar (DPM) ou uma delegacia de Polícia Civil. "Nós construiremos o local. Só precisamos que eles garantam o policiamento. Infelizmente, isso nos tem sido negado. O ex-secretário Bellini disse que faltavam policiais para trabalhar em Marajá", reclamou o presidente da comunidade. Ele lembrou que no outro lado da BR-101, no Bairro Vista da Serra, tem um DPM construído, todo estruturado, com orelhão e tudo. "Já houve até políticos inaugurando-o, mas policiais, que com certeza serviriam também ao Bairro Marajá, nem sinal", criticou.

## Escola

A única escola que funciona no Bairro Marajá é a João An-



Fotos de César Inácio Nunes

A rua principal de Marajá não tem calçamento, como as demais, e não escapa da ação das chuvas, alternando muita poeira ou lama

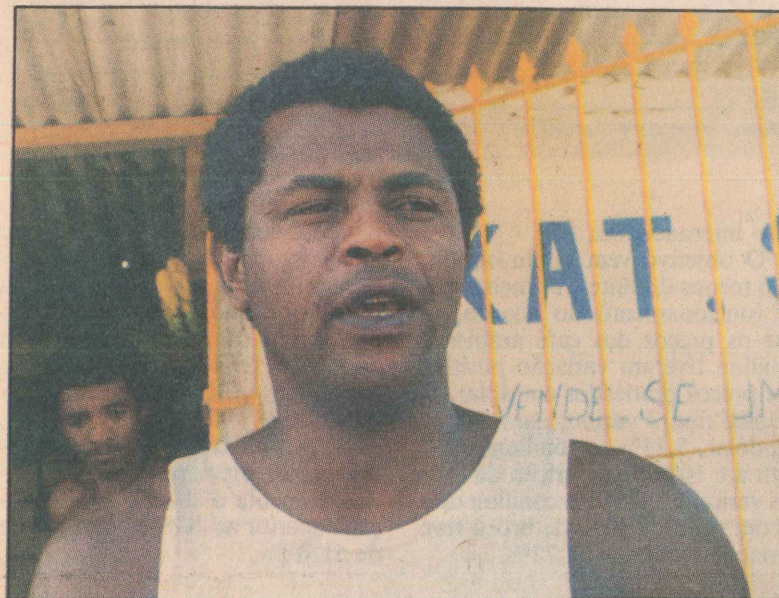
chegam a um metro de profundidade. Os sulcos são produzidos pelas chuvas. Segundo o presidente comunitário, Gilcino Rocha, o bairro foi construído sobre aterro e a terra não foi sedimentada, e com a ação das chuvas a água que vem da parte alta causa muita erosão. Próximo ao colégio novo existem enormes crateras. "Essas ruas ficam intransitáveis, por causa desses buracos, e no período chuvoso há muita lama. Temos promessa de asfaltamento ao menos da rua principal, mas não sabemos quando isso vai acontecer", disse Gilcino.

O motorista Raimundo de Oliveira disse que no tempo seco os buracos permanecem, os veículos têm muita dificuldade de tráfego e os pedestres não suportam a poeira. Quando chove, a lama é tanta que pára

## Morador diz como foi a invasão

As invasões em áreas com imóveis já construídos aparentemente facilitam a permanência de invasores. Foi desta forma que o Bairro Marajá, na Serra, começou a ser povoado. A Construtora Marajá foi a responsável pela construção de 3.117 casas ocupadas por invasores, que chegaram ao local em 1986. O conjunto, segundo um dos primeiros moradores da região, Raimundo de Oliveira, não tinha luz e água, e a falta de infra-estrutura era total.

O conjunto ficou sub judice por alguns anos e não recebeu qualquer tipo de melhoria por parte da Prefeitura da Serra ou do Governo do Estado. "No iní-



## PM fará mais policiamento

O Bairro Marajá ganhará mais policiamento com a construção de uma guarita em Vista da Serra, situada em frente àquele conjunto. O comandante da Polícia Militar, coronel Edilson Neves de Carvalho, disse que por mais de duas vezes tentou instalar uma guarita em Marajá, mas não existe no bairro um espaço apropriado para isso.

Em Vista da Serra, a PM usará um espaço do Centro Comunitário, onde deverão ser colocados seis homens e uma viatura, caso a corporação consiga aumentar sua frota de veículos. Enquanto isso não acontece, o coronel disse que vai cobrar mais policiamento ostensivo do comandante do 6º Batalhão, coronel Guilherme Coelho da Rocha, e do comandante da Polícia Ostensiva, coronel Adermídio Félix.

Já o chefe do Departamento de Administração Geral da Secretaria de Segurança Pública, Pedro Moacir, informou que não pode construir uma delegacia. No entanto, o atendimento a Marajá poderá melhorar com o redimensionamento do trabalho da Polícia Civil na Serra e em toda Grande Vitória.

## Educação vai melhorar em 94

Se depender da Secretaria Estadual da Educação (Sedu), o novo colégio do Bairro Marajá, com capacidade para 1260 vagas, ficará pronto até março do próximo ano. Foi o que informou ontem o chefe da Coordenação dos Estabelecimentos Escolares do Estado do Espírito Santo, Lussemberg Machado. Ele disse que o órgão vai repassar verba para que as obras sejam terminadas, embora os recursos já enviados à Prefeitura da Serra fossem o suficiente para que a escola, com 10 salas, tivesse sido construída.

A obra teve início em 1990 e hoje apenas 50% do imóvel estão prontos. No final do ano passado, depois de uma reunião entre representantes da Sedu, o ex-prefeito Adauto Martinelli e a empreiteira, a Sedu resolveu fazer um novo re-



em ao Bairro Marajá, nem sinal", criticou.

## Escola

A única escola que funciona no Bairro Marajá é a João Antunes das Dores. Ela não consegue atender nem 50% dos estudantes da região. Alguns precisam ir estudar na Serra sede. Segundo Suely dos Santos, que tem uma filha de dez anos estudando na escola, desde a última tempestade parte do telhado foi arrancada e não houve nenhum movimento da direção para reparar o dano. "Minha filha levantou de sua carteira para entregar o caderno à professora e a telha caiu onde ela estava sentada".

Ela e vários moradores cobraram do governador Albuíno Azeredo a promessa de conclusão das obras de um grande colégio que estava sendo construído no bairro e está com as obras paralisadas há dois anos. "Hoje a situação está mais grave, com a chegada dos moradores dos blocos B e C. Temos muita urgência destes colégios, mas não estamos conseguindo sensibilizar as autoridades", reclamou Suely.

## Ruas

As ruas do Bairro Marajá são cheias de valas, algumas

O motorista Raimundo de Oliveira disse que no tempo seco os buracos permanecem, os veículos têm muita dificuldade de tráfego e os pedestres não suportam a poeira. Quando chove, a lama é tanta que pára veículos e pessoas, é um suplício".

Gilcino Rocha garantiu que a rede de esgoto e pluvial do Bairro Marajá é uma das melhores do município da Serra. "O único problema é que não temos nenhuma manutenção. Quando chove, a terra é levada para a rede. Os bueiros não têm tampa e são invadidos pelo lixo.

Com a chegada de mais moradores para os blocos B e C, que ficam mais ao fundo do bairro, os ônibus que atendiam de forma razoável aos moradores não comportam mais a demanda. Quando chegam no bloco "A", três vezes maiores que os outros dois juntos, já estão superlotados e assim os usuários ficam sem condução. "Nós já estivemos na Ceturb. Nos prometeram providências, mas elas estão muito demoradas. Dentro de dez dias vamos interditar a BR-101 Norte e exigiremos providências imediatas. Esse é o prazo que a Ceturb tem para nos atender, sem necessidade de protesto", disse o presidente da associação comunitária, Gilcino Rocha.

e a falta de infra-estrutura era total.

O conjunto ficou sub judice por alguns anos e não recebeu qualquer tipo de melhoria por parte da Prefeitura da Serra ou do Governo do Estado. "No início começamos a fazer gatos, ligações clandestinas", disse Oliveira. Com o tempo, como contou, os próprios invasores começaram a comprar mangueiras e, através delas, improvisaram onde fizeram a ligação junto a um cano da Cesan, que passava pela BR-101 Norte.

Outro problema enfrentado pelos invasores era na área do transporte. "Os ônibus não entram no bairro, e foi com muita luta, protestos e barreiras realizadas na rodovia que conseguimos transporte para os moradores do bairro, mesmo que precariamente", ressaltou Raimundo Oliveira. As casas do conjunto foram invadidas de uma só vez, mas, com o passar do tempo, outros invasores foram chegando e construindo casas de madeira, inclusive gente do Sul da Bahia e Norte de Minas Gerais.

A parte que evoluiu do bairro foi no bloco A do conjunto, onde aos poucos foi se formando o comércio, com supermercados, farmácia, quilões, padarias, etc. No início da invasão essas e as



## Oliveira diz que a infra-estrutura foi conquistada com muita luta

demais casas foram invadidas, mesmo sem pias ou telhados. "Nós fomos colocando as telhas e os materiais dentro das casas aos poucos", lembra o morador.

Mas a miséria total pode ser registrada até hoje no bloco B, onde várias famílias moram dentro de uma mesma casa ainda sem telhado, e que está se deteriorando com o tempo. "O pessoal deste bloco passa muita fome. São duas ou três famílias que residem na mesma casa, cujas paredes estão caindo e não têm telhados", mostrou Oliveira.

A falta de infra-estrutura é total no bloco B. Água e energia só existem no local devido aos "gatos" feitos pelos próprios moradores, o que representa um risco constante de acidentes, principalmente envolvendo crianças. A migração constante de pessoas à procura de moradia, faz com que no Bairro Marajá se

registre um grande número de pessoas desempregadas, e a violência é uma constante na vida dos moradores.

Para se viver hoje no Bairro Marajá, segundo o antigo morador Anízio Pereira, tem que ser "surdo, mudo e cego". "Se você quer preservar a sua vida, tem que ficar de bico calado. O dedo duro sempre leva a pior", afirmou. No vaivém da rua principal várias barracas com produtos diversos são vendidos.

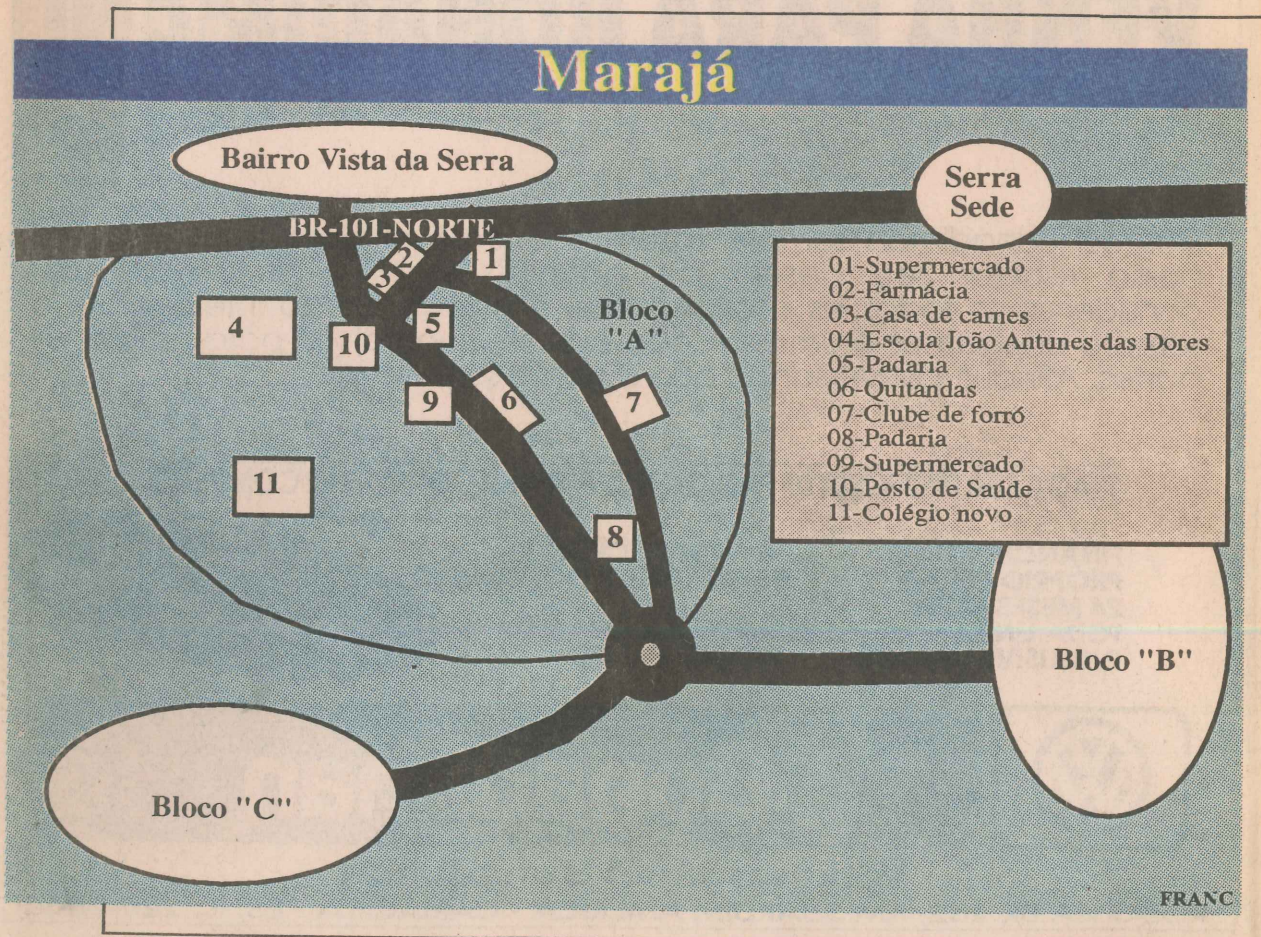
Duas irmãs, Ilda e Nazilda Almeida, que residem em Vila Velha sobrevivem do comércio de vender roupas usadas todos os finais de semana em Marajá. "Há cinco anos que estamos no bairro vendendo estes produtos e nunca tivemos problemas. Isto porque soubemos fazer amizade com os moradores, respeitando-os", afirmaram.

construída.

A obra teve início em 1990 e hoje apenas 50% do imóvel estão prontos. No final do ano passado, depois de uma reunião entre representantes da Sedu, o ex-prefeito Adauto Martinelli e a empreiteira, a Sedu resolveu fazer um novo repasse para a conclusão das obras, mas nem assim houve o reinício da construção, que estava paralisada. Lusemberg acredita que a Prefeitura tenha pago as dívidas atrasadas. A preços de agosto, a Sedu repassou à Prefeitura CR\$ 24.500,00.

Diante da constatação de que muita verba tem sido gasta na escola, a Sedu pediu à Prefeitura um levantamento de custo para a finalização da obra, bem como explicações sobre os gastos feitos até agora. A única escola existente hoje no bairro funciona num antigo galpão da empreiteira que construiu o conjunto.

■ O diretor-presidente da Ceturb, José Eduardo Azevedo, informou que vai pedir um levantamento no bairro para verificar a real necessidade de colocação de novos ônibus no local. "Aqui na companhia não existe nenhum processo pedindo a ampliação da frota", argumentou o diretor, que desconhecia que Marajá cresceu com a inauguração dos blocos "B" e "C". A última reprogramação de linhas aconteceu em 17 de maio, quando os ônibus da linha Planalto Serrano/Terminal de Carapina, começaram a entrar no bairro devido a uma terraplenagem feita pela Prefeitura da Serra na entrada do conjunto. Hoje, a linha tem sete ônibus que fazem 52 viagens diariamente.



## Projeto soma 49 reportagens em um ano

O projeto *Gazeta Bairros*, desenvolvido pelo jornal A GAZETA, completa amanhã o seu primeiro ano, com a expressiva marca de 49 bairros da Grande Vitória visitados pelas suas equipes de reportagem. A primeira reportagem da série foi feita no dia 7 de novembro do ano passado no bairro de Jardim da Penha, em Vitória, sob intensa chuva. A matéria com as reclamações e reivindicações e histórias contadas pelos moradores foi publicada no dia 10 de novembro do ano passado, juntamente com as respostas dadas pelas autoridades aos problemas apresentados pela comunidade.

A metodologia empregada no projeto difere em alguns aspectos de semelhante projeto desenvolvido por A GAZETA na década de 80 com a denominação *Gazeta nos Bairros*. No primeiro projeto, as reportagens sobre os bairros eram realizadas aos sábados e publicadas no domingo, junto com as res-

postas das autoridades, que também enviavam para o bairro seus representantes. No atual projeto, as reportagens são feitas também aos sábados, mas a publicação se dá na terça-feira seguinte. As autoridades, ao contrário do primeiro projeto, só são ouvidas na segunda-feira, quando respondem aos problemas e às reivindicações apresentados pelas comunidades.

A escolha do bairro a ser visitado se dá em consenso entre os integrantes da Editoria de Geral e a direção da redação do jornal A GAZETA, geralmente no início da semana. Às quintas-feiras um anúncio é publicado informando o bairro a ser visitado e o local onde ficarão os repórteres e fotógrafos do jornal. Na sexta-feira é publicada uma matéria de apresentação sobre o bairro escolhido. No sábado, dois repórteres e um fotógrafo são deslocados para o bairro para a realização da reportagem. Na segunda-

feira, com base nas informações colhidas pelos repórteres, um outro profissional ouve as autoridades e tudo sai publicado na edição de terça-feira.

Em um ano do projeto, importantes bairros da Grande Vitória foram alvo de reportagens. Jardim da Penha, Jardim Camburi, Jucutuquara, Santo Antônio, Bairro de Lourdes, Ilhas do Boi e do Frade e Praia do Canto, em Vitória. Praia da Costa, Itapoã, Vila Velha Centro, Glória, Ibes, Paul, São Torquato, em Vila Velha. Jardim América, Campo Grande, Itacibá, Itanhenga, Cariacica Sede e Porto de Santana, em Cariacica. Jacaraípe, Nova Almeida, Carapina e Marajá, na Serra, são alguns deles.

O projeto *Gazeta Bairros*, ao longo desse primeiro ano, só deixou de ser publicado quatro vezes — 29 de dezembro do ano passado, 5 de janeiro, 23 de fevereiro e 2 de novembro, todos em decorrência de feriados.